

Doping e teomania: breves considerações éticas para as aulas de Educação Física

Doping and theomania: brief ethical considerations for Physical Education classes

Marcos Paulo do Nascimento Silva¹, Bruno Rodrigo da Silva Lippo²

Resumo

O Brasil, recentemente foi o centro das atenções do cenário mundial em função de dois grandes eventos esportivos de grande relevância: a Copa do Mundo de Futebol da FIFA, em 2014 e as Olimpíadas, em 2016. Esses dois acontecimentos são conteúdos principais ou transversais das aulas da disciplina Educação Física e merecem discussão do ponto de vista educacional, ético e moral, principalmente na relação do *doping* com o desempenho e a relação dos atletas com a ganância de vencer ou com apenas o desejo de competir. Serão discutidas com exemplos de grandes atletas, além da teomania e a competição do ponto de vista filosófico. Concluímos que, o valor moral de cada atleta é determinante para a escolha entre o *doping* ou o jogo limpo do esporte. Essas temáticas podem colaborar com novas perspectivas humanísticas durante as aulas de Educação Física escolar.

Abstract

Brazil has recently been the center of attention of the world scene due to two major sporting events of great relevance: the FIFA Soccer World Cup in 2014 and the Olympics in 2016. These two events are main or cross-cutting content of the classes of Physical Education and deserve discussion from the educational, ethical and moral point of view, mainly in the relation of the *doping* with the performance and the relation of the athletes with the greed of winning or with only the desire to compete. They will be discussed with examples of great athletes, besides the theomania and the competition from the philosophical point of view. We conclude that the moral value of each athlete is decisive for the choice between *doping* or fair play of the sport. These themes can contribute to new humanistic perspectives during the classes in the School of Physical Education.

Palavras – chave: Esporte. Doping. Ética. Copa do mundo. Olimpíadas.

Keywords: Sport. Doping. Ethics. World cup. Olympics.

¹ Mestre. Universidade Federal Rural de Pernambuco – Unidade Acadêmica de Garanhuns.
mpnslux@yahoo.com.br.

²Doutor. Universidade Federal de Pernambuco. profbrunolippo@gmail.com.

Introdução

Recentemente, os olhos do público estiveram voltados para o Brasil com o a copa do mundo de futebol de 2014 e os jogos olímpicos de 2016. Esses dois mega eventos esportivos foram planejados durante muito tempo desde quando foram anunciadas as cidades sede. Dessa forma, o País passou a pensar e repensar as diversas possibilidades de ferramentas de discussões envolvendo a sociedade, governos federais, estaduais e municipais. E, para pegar o gancho temático, o componente curricular Educação Física (EF) utilizou do viés temático para incluir em seu planejamento esses dois eventos.

É sabido e consabido que a EF possui o seu fundamento no âmbito escolar e é através dos conteúdos a serem desenvolvidos durante os ciclos de escolarização que os seus propósitos se materializam, sobretudo quando são problematizados de forma transversais na qual se busca uma correlação com a sociedade atual e apontando as possíveis soluções.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (Brasil, 1997;1998) há eixos que podem ser desenvolvidos de forma transversal no âmbito escolar, a saber: ética, meio ambiente, pluralidade cultural, saúde, orientação sexual, trabalho e consumo. Apesar de haver a possibilidade dessas áreas temáticas serem abordadas de forma transversal, Busquets (1998) advoga que pelo fato dos tema transversais estarem inseridos nas transformações sociais e serem atuais em nosso tempo, eles não deveriam ser abordados de forma transversal, mas sim ser o epicentro do currículo escolar e dessa forma, não seriam um fim, mas um meio de reflexão dos alunos sobre as vicissitudes de nossa sociedade.

Ao contrário do que muitos pensam, principalmente a sociedade em geral pelos motivos históricos de uma EF militarista e da grande crise epistemológica que a EF passou nos anos 80; mas também, dentro do ambiente escolar, as matérias “duras”, como a matemática, por exemplo, a EF não tem como objeto apenas os esportes e suas técnicas e táticas, ela engloba um vasta área de conhecimento da cultura corporal de movimento acumulado historicamente e difundido socialmente e que nos últimos anos, em função das transformações ocorridas no seio da sociedade, também tem abordado outras temáticas, como os temas transversais.

A inclusão dessas temáticas transversais nas aulas de EF tem como escopo uma reflexão direta dos alunos tornando-os mais críticos sobre como a sociedade está sendo afetada com os problemas em geral e as repercussões na vida dos alunos.

E, assim sendo, escolhemos a Ética para fazer parte do presente artigo, pois é durante a competição esportiva que os valores humanos são testados e colocados a prova e para se deixar tomar conta da emoção e não ultrapassar os limites do espírito esportivo, se faz necessário um autoconhecimento e uma sabedoria oriunda da ética e moral.

Apontamos como se apresenta esses dois pilares filosóficos nos esportes, utilizando como pano de fundo exemplo de atletas olímpicos consagrados e também momento marcantes de copa do mundo em que as tensões políticas nas relações diplomáticas entre os países podem ser reduzidas ou extintas através do futebol. Ainda, discutiremos como a trapaça esportiva através do *doping* pode ser vergonhosa para o atleta depois que é descoberta a farsa e o que leva atletas de alto rendimento a escolherem por este meio perverso e frágil para se alcançar as vitórias.

1. A ética e a moral no esporte

Chegar em primeiro lugar, ser o mais rápido, saltar mais distante, suportar o maior esforço possível são alguns dos objetivos que os atletas devem buscar para superar as suas limitações e registrar recordes em olimpíadas e campeonatos amadores ou profissionais. Os índices para as competições não são alcançados da noite para o dia, eles são construídos ao longo de vários anos e com muito suor, desde a tenra idade e adolescência, e dessa forma, esses homens e mulheres atletas devem possuir ampla compleição física e mental para serem resistentes a dor, ao cansaço e quando menos se espera, ultrapassa-se uma linha de chegada.

Foi assim, nas olimpíadas de 1984, em Los Angeles, talvez, poucos se lembrem da vencedora da maratona feminina, a Norte-Americana Joan Benoit. Chegar em primeiro lugar naquela prova foi apenas um pequeno detalhe se não houvesse a 37ª colocada, a Suíça Gabrielle Andersen.

Naquele dia, o público presente no estádio olímpico ovacionou a atleta suíça que cruzara a linha de chegada de forma cambaleante. O que devemos nos perguntar: havia motivos para que Gabrielle chegasse de forma tão exausta se ela poderia ter feito uso de alguma substância proibida para melhorar o seu rendimento? Estar numa das últimas colocações não é uma fraqueza e tampouco vergonhoso. E por que, estar em primeiro lugar, algumas vezes, pode ser tão inconsequente? A palavra grega *θικός* (Ética) pode ser a resposta.

Os animais, ao contrário dos humanos, possuem a “Ética natural” que é determinista, é instintiva e não se arrependem de suas condutas. Já para um atleta, chegar em primeiro lugar,

ou ser o mais forte pode ser frustrante, pois o homem pode ser falho em seus atos e fazer uso de substâncias proibidas para vencer e ganhar uma medalha, prestígio e dinheiro.

O uso ou não de substâncias proibidas para aumentar o rendimento esportivo, em que denominaremos em nossas palavras de “O MAL”, o mal, porque corrompe atletas, destrói sonhos, afugenta entusiastas dos esportes, mente para a realidade, engana pessoas inocentes e mata vidas. “O MAL” ou a verdade podem ser escolhidos pelos atletas, porque atletas são humanos e podem julgar e avaliar ao longo de suas carreiras em preferir e preterir.

A peculiaridade do ser humano-atleta é que cada atitude que lhe convém possui um valor e essa ação pode ser supervalorizada ou desvalorizada, como por exemplo, fazer uso de algum “MAL” para melhorar um segundo, um centímetro ou chegar a um recorde mundial.

Segundo Santos (2003) a continuidade dos atos humanos formam o costume, chamado de *ethos* e *moris* (Ética e Moral). Sendo os atos éticos ou morais atos que possuem valor. A Ética é invariante e diz o que é conveniente ou não da natureza humana; a Moral conduz, indica o modo de ação.

A Ética é algo que a maratonista Suíça tinha em seu âmago e, mesmo de cabeça baixa, com passos desequilibrados e totalmente fora de sua homeostase para um atleta de fim de prova, pensou, raciocinou, distinguiu o que era Ético e antiético, e, com todo o desequilíbrio iônico, fadiga periférica e praticamente central, ATPs (adenosina tri fosfato) no limite, ainda conseguiu recrutar uma conduta moral para cruzar a linha de chegada dos quarenta e dois mil cento e noventa e cinco metros com a medalha de ouro em justeza, caráter e dignidade. A atleta assumiu a responsabilidade moral de não fazer uso de substâncias proibidas (“o mal”) para o aumento do seu rendimento cardiorrespiratório, dessa forma, se fez um ser Ético.

O exemplo citado acima é apenas uma das inúmeras manifestações benéficas de que o esporte, seja amador ou profissional pode deixar para a vida de um atleta ou para uma nação. A grandiosidade do esporte é registrada como crença dos povos na esperança em um futuro melhor, principalmente nos países sedes de grandes eventos esportivos, como Copa do Mundo de futebol e Olimpíadas, por causa da economia com o surgimento de empregos diretos e indiretos, além dos legados das obras para as cidades.

A altivez do esporte também está no rosto de um atleta que transforma o seu suor em pão para alimentar a sua família; o esporte também é capaz de resgatar crianças e adolescentes das drogas e dar-lhes sentido à vida. A grandiosidade do esporte está na união dos arcos olímpicos, uma espécie de “pangéia”. No esporte, as armas se abaixam com flores, como na Copa do Mundo de Futebol de 1998, os jogadores dos Estados Unidos e do Irã trocaram

presentes e flores, em campo, tudo para tentar reduzir as tensões políticas entre os dois países. “No esporte, as armas se abaixam com flores” e realmente foram flores de fato.

No inverso da amplitude de um suor, de um *fair play*, de um treino sagrado de cada dia; encontra-se nas profundezas da imoralidade humana o “calabouço” da bastilha desportiva aquele que é considerado o maior golpe contra a moral, a maior covardia, o aplauso devolvido aos torcedores, a sua “excelência” perversa: O *doping*. A dopagem é o uso de substâncias proibidas por atletas para que tenham vantagens nas competições.

Desde a era antes de Cristo, os povos já faziam uso de plantas para fins de alterações fisiológicas no sentido de tirar proveito de seus corpos para uma determinada finalidade. Segundo Oliveira (2012), em nossa era, durante a segunda guerra mundial (1939-1945), os soldados Norte Americanos faziam uso de anfetamina para as caminhadas de longas distâncias e voos noturnos. Com o fim da guerra, esses combatentes continuaram a usar a anfetamina em jogos de futebol americano, o que ajudou a disseminar o uso dessa substância entre os atletas do mundo inteiro.

Em função do “MAL”, todo resultado final de uma competição, por alguns momentos é como se não fosse um verdadeiro resultado final, uma vez que ainda falta a “retaguarda moral” que é o teste *antidoping* (anti “MAL”). Segundo Tubino (1999), o *doping* é causado pela competição que o esporte moderno proporciona e surgiu com a criação dos clubes, federações, confederações e grandes espetáculos.

Hoje, com a popularização do aparelho televisor, internet, computadores, telefones celulares, *modem* e mais bem mais recente o *iPad* e o *Smartphone* é possível assistir a qualquer evento esportivo em tempo real em casa, no trabalho, dentro do carro e até mesmo andando pela rua. A esse respeito, muitos autores da Sociologia do Esporte e Educação Física, estão chamando o esporte moderno de “telespetáculo esportivo”, que nada mais é do que a profissionalização e o entretenimento do esporte, e assim, os atletas passam a ser uma espécie de produto, como uma camisa 23 em uma loja de roupa que imortalizou Jordan e o *Dream Team* dos Estados Unidos nas Olimpíadas de Barcelona, em 1992. Para Betti (1998) é um misto de show e jogo, com a vidência de performances e técnicas que não são vistas comumente no cotidiano dos palcos esportivos ditos comuns e em função dessa nata, o esporte passa a ter valores políticos e econômicos e passa a assumir o termo esporte-espetáculo.

Pelo fato de haver uma grande massificação dos esportes, o que passou a ser chamado de esporte-espetáculo, o *doping* (“O MAL”) passou também a ser massificado. Como

exemplo nos esportes coletivos, podemos afirmar que “O MAL” é injusto, pois são diversos atletas competindo em uma determinada modalidade e por apenas um estar fazendo uso de alguma substância proibida, no final, no somatório de esforços, a equipe pode tornar-se vencedora.

Sobre o futebol, segundo a FIFA (2013) que é parceira da Agência Mundial Antidoping (WADA), o esporte registra baixo índice de amostras positivas, inferior a 0,4% nos últimos anos (0,34% em 2004; 0,32% em 2005; 0,35% em 2006; 0,36% em 2007 e 0,23% em 2008). Mesmo com a baixa incidência do “MAL” no futebol, não são todos os atletas de uma equipe que fazem os testes, o que possibilita certa margem para que os futebolistas façam uso de substâncias proibidas.

Nos esportes individuais, a exemplo do atletismo, o “MAL” passa a ser imoral, desonesto e devassa o esporte assim como a ferrugem que oxida um metal, pois nas provas em que a equipe do competidor está fora (técnicos, preparadores físicos e outros), supõe-se que as provas estarão acontecendo nas mesmas condições orgânicas dos demais adversários. O uso de substâncias proibidas nesses casos é como se fosse um atleta adulto disputando uma corrida com crianças de cinco anos, não tem graça nenhuma!

Ainda, mesmo que os atletas estejam todos em condições fisiológicas de igualdade sem “O MAL”, existem esportes, como por exemplo, o hipismo, em que a perversidade do “MAL” parece ser mais agressivo, a equipe passa a dopar os cavalos. De acordo com Oliveira (2012), nos jogos olímpicos de Atenas em 2004, o cavalo do irlandês Cian O Connor competiu após terem realizado “O MAL” no animal. Nesse instante, foi descoberta a fraude e o atleta (humano), assim como Ben, teve que devolver a medalha de ouro e o brasileiro Rodrigo Pessoa passou ao primeiro lugar.

2. Da ultrapassagem da linha de chegada a apnéia do resultado

O homem mais forte do mundo, assim digamos, em termos de capacidade para produzir ciência não esteve em nenhuma olimpíada, jamais ganhou uma medalha, ou tampouco ficou em último lugar nas paraolimpíadas em Londres 2012, não moveu uma falange sequer, mas havia neurônios, que sem recursos proibidos, conseguiu afirmar novas teorias a respeito do universo. Assim, Stephen Hawking, físico britânico, publicou em 2010,

The Grand Design, obra que descreve a teoria do *big bang*, gravidade e novas afirmações científicas a respeito da gênese do universo.

Agora, imaginemos que, Hawking fosse um atleta e que todos os seus postulados fossem realizados mediante algum “MAL”, no caso, esse mal não seria o *doping*, mas seria a mentira, a inverdade, seria uma falsa teoria: o que o mundo diria? No mínimo, os leitores de sua obra, queriam o investimento de volta e as revistas científicas e jornais do mundo inteiro despublicariam a notícia; é como se Hawking tivesse de devolver uma “medalha de ouro”.

Em analogia, podemos dizer que, Hawking, atualmente é o Usain Bolt da física e todos esperam que, Bolt todos os atletas do mundo sejam corretos, éticos e convictos de que os seus índices olímpicos estejam desprovidos de recursos ilícitos permaneçam para sempre na história.

A agonia da glória é a devolução de um aplauso, o retorno de um presente a um presenteado; foi assim no verão de 1988 em Seul, durante os jogos olímpicos. Na época, o velocista Canadense Benjamin Sinclair Johnson, mais conhecido como Ben Johnson ou “*Benfastic*” (Ben + *fast*– rápido) teve que devolver a medalha de ouro, perdeu a reputação e os recordes tudo em função do maior caso de *doping* da história. Ainda, no ano de 1987, Johnson foi homenageado com a mais alta condecoração civil de honras, a chamada ordem do Canadá, que é uma homenagem aqueles que representam o País nas diversas áreas.

Na época, os jornais Canadenses estamparam em suas capas: “Por quê, Ben? Por que você fez isso?”. Porque o esporte é uma forma de ganhar dinheiro, de ficar rico, mesmo que a todo custo. No ano de 1987, Ben recebeu 500 mil dólares por mês em publicidade. A questão é: vale a pena ganhar tanto dinheiro e ter a moral destruída?

3. Não posso correr, não posso jogar, não posso nadar... a prisão sem muros

O prazer e a alegria estão estampados no rosto de uma criança ao praticar alguma modalidade; pode ser uma partidinha de futebol num simples campinho num terreno baldio ou até mesmo na lama nas margens do rio Amazonas na orla de Macapá. A brincadeira se transforma em competição, se transforma em treino e a brincadeira passa a ficar séria. Um atleta campeão olímpico pode ficar impedido/banido para sempre de participar de competições oficiais: que tragédia para o prazer de competir!

É assim que rege para os que querem ter uma medalha olímpica a todo custo, o prazer e o dinheiro ficam esbarrados no mais alto grau de justiça, o Tribunal Arbitral do Esporte, foi lá que a ex-nadadora brasileira, Rebeca Gusmão ficou retida em 13 de novembro de 2009, após ter sido flagrada do exame *antidoping* nos jogos do Pan no Rio, em 2007. Sem contar que, a nadadora teve os seus recordes Sul-Americanos cancelados pela Federação Internacional de Natação.

Sobre o caso acima, qualquer estudante de Educação Física, após cursar as disciplinas de Fisiologia Geral e do Exercício, compreendem bem as diferenças anatomofisiológicas dos corpos de homens e mulheres. Sabe-se bem que, mulheres não possuem grandes produções do hormônio testosterona, que é anabólico e por isso, entre outros fatores, há o dimorfismo entre homens e mulheres. Então, qual a óbvia razão da nadadora Rebeca Gusmão obter tamanho corpanzil?

Há uma integração entre o cérebro e as células musculares e quanto mais se treina essa relação, mais se ganha força sem necessariamente haver aumento tão brusco e repentino do músculo esquelético. Em analogia, mas no inverso, alguns treinadores e atletas que conhecem muito bem a relação anatomofisiológica entre cérebro e músculo, parecem inverter essa constância biológica e ligam o cérebro e os motoneurônios diretamente às contas bancárias, independente do preço que se pague pela Ética e a conduta moral; aliás, imoral parece ser aqueles que não fazem uso dessa perversa inversão.

4. O que há no fundo das aparências de treinadores e atletas?

O uso do “MAL” é fruto de excesso de confiança e essa confiança é consequência da ausência do tempo e do espaço de informações sobre o que “O MAL” pode fazer nos corpos e na vida social dos atletas. Nesse sentido Silva (2011), comenta sobre a Ética da estética, que seria o prazer e o desejo de estar junto, estar fazendo, porém sem estar pensando no que está sendo feito, e dessa forma, as pessoas se perdem na superfície das relações sociais, porém é o que dá sentido às suas vidas.

Assim, os atletas e treinadores estão fazendo as suas vidas, baseado em falsos resultados e falsos corpos sob o uso do “MAL”. Contudo, possivelmente, existe um efeito que pode blindar “O MAL” e os maus atletas: O BANIMENTO do esporte! Sim, estar expulso do esporte, para sempre! Só assim, haveria resultados reais, os aplausos e nem as medalhas

seriam devolvidas, acabariam as desconfianças e os entusiastas voltariam ao mundo encantador do esporte.

Um atleta de verdade jamais morre, porque se supera em tudo na vida, até mesmo as derrotas sem o uso do “MAL”. A vida é uma competição a todo instante e no fim das aparências de um atleta (de verdade), sempre existirá a sensatez. Aos atletas de verdades, quando saem de cena de suas vidas atléticas, existem medalhas e troféus guardados em seus armários e gavetas, alguns enferrujados do tempo, mas nenhum arranhado do “MAL.”

5. Um onto-antropológico do *doping*

A maioria dos trabalhos que versam sobre *doping* nos esportes, quer sejam especializados ou através dos meios de comunicação de massa, tratam da temática por um viés estritamente biologicista. Como se o *doping* só tivesse as facetas fisiológica, bioquímica, etc. Os demais extratos do *lebenswelt* - mundo da vida – são olvidados. Os componentes educativos do esporte, por exemplo; as repercussões sociais e, até mesmo espirituais.

Outras leituras *clichê*, assim podemos chamá-las, são aquelas que relacionam o *doping* à ganância capitalista. Embora haja este componente, não é exclusivo e preponderante para a prática do *doping*.

As linhas abaixo tratarão do *doping* por meio de um viés inusitado, até onde temos conhecimento, que é a sua abordagem pelo viés onto-antropológico.

De acordo com a Política de Aristóteles (2005): “*ἄνθρωπος εἶναι ἓνα ζῷον*” – “*politikòn ho ánthropos zōon*” – o que em vernáculo quer dizer: “o homem é um animal político”. Portanto, o estado gregário é o nosso estado natural. Para o estagirita, nós só nos realizamos plenamente em comunhão com o nosso próximo². Ser um “animal político” significa que temos uma natureza espiritual, ontológica, ao lado da natureza animal, daí o ser político da humanidade.

Nesse diapasão, os esportes e, mais precisamente as competições desportivas, quer coletivas, quer individuais, são um aprimoramento dessa determinação ontológica do ser humano para a alteridade, para a convivência e a aceitação do outro. Ao menos, deveriam. Prossigamos.

² Também o livro de Gênesis, portanto, um texto revelado, ratifica esta assertiva aristotélica. Gn. 2,18-25.

O Brasil foi sede de duas maiores manifestações desportivas existentes: a Copa do Mundo de Futebol, em 2014 e, as Olimpíadas, em 2016. A movimentação para a consecução destes eventos foi grandiosa. Os investimentos foram de escala astronômica, quer seja de ordem financeira, quer seja de ordem sentimental. Esta, por sinal, impossível de ser calculada por qualquer escala humana.

Outro sentimento impossível de ser medido, explicado, medido satisfatoriamente, por qualquer escala material é a atitude dos torcedores dos mais diversos esportes, coletivos ou individuais. O próprio vocábulo “torcer” já é autoexplicativo. Todo “torcer” é destorcer a realidade. É não querer se acomodar ao real; é não querer aceitar as coisas como elas são. No futebol, por exemplo, uma equipe com excelsas qualidades em relação à outra, por mais das vezes é preterida por causas diversas e alheias as qualidades intrínsecas ao esporte.

Um torcedor de uma equipe raramente reconhece os méritos da equipe adversária a sua. Ou seja, o torcedor, nesse caso, não admira a prática do esporte, mas sim, a sua equipe, tenha ela as qualidades requeridas para admiração, ou não. Como, em sã consciência, negar à seleção da Hungria, a Hungria de 1954, a Hungria de Puskás, a “invenção” do aquecimento pré-jogo? No entanto, isto se dá.

O torcer é uma paixão. O sentimento dos torcedores é a paixão. E paixão ninguém controla. A paixão pode sim, ascender para o sentimento do amor, o que é impossível nas competições esportivas. O amor requer reflexão para ser gestado o que em meio a uma turba enfurecida, que é o meio natural preponderante nas competições, é impossível. A prática do esporte de competição é *mutatis mutandis* a prática da guerra por outros meios.

Com a sociabilidade, característica humana, como observado por Aristóteles, é inevitável a competição. Sociabilidade e competição são xifópagas. A competição dá-se a partir da fecundação, e a fecundação é a primeira experiência de socialização. Sem a competição não haveria o desenvolvimento interior, pessoal, nem tecnológico³.

Somos sujeitos competitivos por natureza. Até mesmo numa inocente formatura de ABC, há ali uma competição. Não uma competição cognitiva, para saber qual dos pequeninos desenvolveu mais suas habilidades intelectuais. A competição é para saber quem é o (a) mais bonito (a).

³O grave período da humanidade conhecido como Guerra Fria, por exemplo, legou-nos um desenvolvimento tecnológico que quiçá, só seria alcançado muitas décadas depois. Basta ver a corrida armamentista e aeroespacial. Quem diria que, um simples saquinho de chocolates da M&M'S tem uma tecnologia oriunda dos campos de batalha. Em: <http://mundoestranho.abril.com.br/materia/que-invencoes-de-guerra-a-gente-usa-hoje-em-casa>.

Para se alcançar a vitória apela-se a tudo entre o céu e a terra. Desde a corrupção direta, passando pelo apelo a intervenção divina, até chegar-se a manipulação das forças cósmicas, como acreditam os praticantes de práticas transcendentais panteístas. Vale até mesmo a prática “vodu”. O problema se dá quando a competição se torna desenfreada, inescrupulosa. Quando desorbita o campo da Ética. Quando isto acontece somos apresentados a *Libido Dominandi* (o desejo de dominar).

No entanto, o recurso mais grave e destituído de Ética para se conseguir é o *doping*. Esta atitude é contrária ou não ao lema: “que ganhe o melhor!”, tão apregoadada pelos cânones desportivos, ou ao lema olímpico, “o importante é competir”, surgido na Olimpíada de Londres em 1908? Não há dúvida.

Mas, o atleta que pratica o *doping* além do reforço “endógeno” para se dopar, a *Libido Dominandi*, tem também reforços externos. A pressão da torcida, como vimos e toda uma cultura em volta. O próprio hinário dos países é uma apologia a virilidade, a belicosidade; praticamente não há exceção.

La Marseillaise - A Marselhesa-, originalmente “Canto de Guerra para o Exército do Reno”, diz em uma das suas estrofes:

Auxarmes,citoyens,

Às armas, cidadãos

Formez vos bataillons,

Formai vossos batalhões,

Marchons, marchons !

Marchemos, marchemos !

Qu’unsangimpur

Que um sangue impuro

Abreuve nos sillons !

Banhe o nosso solo

Sem dúvida, pode-se afirmar que, o esporte de alta competitividade tornou-se uma extensão da guerra. Portanto, fica difícil, quando não impossível, cobrar-se atitudes éticas em um meio de “apaixonados”. Nem dos torcedores, nem dos atletas. Há uma retroalimentação ininterrupta entre ambos.

A gênese das olimpíadas, do seu surgimento, antigo e moderno, é um presságio deste estado de coisas. Desde sempre o seu *telos* é o da competição sem freios e a história da *Ars Gratia Artis* – a arte pela arte – é mero sentimentalismo idealista.

Conta um mito que o semideus Hércules, filho de Zeus, matara um homem por motivos fúteis e, para aplacar a fúria olímpica, criara os jogos olímpicos. *Si non è vero, è bentrovato!* Hércules, um semideus, tomado pela *hybris*, pela arrogância de quem se achava um “deus”, mata alguém sem motivação grave alguma, em uma demonstração de força, superioridade e, depois cria os jogos olímpicos, demonstração de força e superioridade, perpetuando a violência originária desta vez com o atenuante de regras. As olimpíadas são uma guerra com regras, portanto.

A origem moderna das olimpíadas não foge, *mutatis mutandis*, a esta origem belicosa, competitiva havida no mito grego. Pierre de Frédy, o Barão de Coubertin, aristocrata francês, talhado desde a infância para a arte militar é o ressuscitador do “espírito olímpico”. Após um périplo por diversos continentes e países, onde buscou aprimorar sua ideia de transformar o mundo pelo esporte, criou, em 1894, o Comitê Olímpico Internacional, alcunhando o lema, nos Jogos olímpicos de Verão em Paris, no ano de 1924: *Citius, Altius, Fortius*, que em bom vernáculo significa: O mais rápido, o mais alto, o mais forte.

Rapidez, Altura e Força, é um dístico de guerra, de guerreiros; bem que poderiam ser o dístico de uma divisão do exército do império romano. Um exército vencido não vale nada. Uma competição que tem por lema o dístico acima, não pode esperar atitudes louváveis dos seus competidores. O lema olímpico é em verdade uma mensagem subliminar, reverberando na cabeça do competidor, vença ou serás esquecido, serás humilhado.

Não se está aqui a demonizar o esporte como o “ópio do povo” como muitos intelectuais pretendem. Até mesmo porque o lúdico é necessário. Estamos apenas constatando o que se passa no *lebenswelt* desportivo, buscando assim, rastrear o porquê de atletas buscarem meios químicos ilícitos para melhorarem o seu desempenho.

O *Quid Est?* buscado nestas linhas foi o do “por quê o homem se dopa?” Após este breve périplo podemos ver que, a competição nos é natural e, que por mais das vezes este sentimento se perverte. Ocorrendo esta perversão de dentro para fora e de fora para dentro ao mesmo concomitantemente.

Por fim, apesar das diversas variáveis envolvidas na prática do *doping*, concluímos que, quem se vale do *doping* o faz por que quer, tem a liberdade de fazê-lo. Quem se dopa utiliza a sua liberdade, mesmo que seja premido por diversas condicionantes internas e externas. No final das contas, é o indivíduo quem decide dopar-se ou não.

Considerações finais

Diante do presente artigo, foi possível narrar alguns fatos marcantes na estória do esporte profissional de alto rendimento, pois tivemos como pano de fundo dois grandes eventos conhecidos mundialmente: a copa do mundo de futebol e a milenar, olimpíadas. Nesses dois mega eventos, os atletas participantes e as equipes de apoio fazem quase de tudo para conseguirem chegar às finais e consequentemente ganhar uma medalha de ouro que é apenas uma singela representação do intangível prestígio que é materializado através das globosas quantidades financeiras que são ricocheteadas, também via propagandas e eventos em geral.

Por sua vez, está o *modus operandi* dos atletas e das equipes de apoio percorrem até chegarem ao êxito. Como foi visto, a exemplo do futebol, a maioria trilha um caminho lícito ao longo dos anos, com a abdicação de outras atividades, inclusive a família para se dedicarem integralmente ao esporte. Contudo, alguns poucos atletas ficam extremamente conhecidos pela medalha de ouro ou por ter chegado até uma prova final, e dessa forma, entram para a estória do esporte mundial. Algumas vezes, quando é descoberto, mesmo que alguns anos depois, a verdade aparece: o *doping*. A forma mais desumana de ludibriar um adversário.

Os fatores que conduzem um atleta olímpico ou um jogador de Copa do Mundo, a exemplo do argentino Diego Maradona, na copa de 1994 a dopar-se são inúmeros para serem especulados, mas no presente artigo, discutimos sob o prisma da Ética, que é um dos temas transversais da Educação Física, o cerne da escolha de dopar-se ou não. Essa temática deve ser trabalhada no componente curricular EF, sobretudo nos ciclos de escolarização a partir dos 11 anos, pois é nesta fase em que as crianças estão integrando a sua personalidade e se faz necessário reflexões por parte dos educandos para ajudá-los no desenvolvimento de sua personalidade.

Referências

ARISTÓTELES. **Política**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

BETTI, Mauro. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. Campinas: Papirus, 1998.

BUSQUETS, M. S. et al. **Temas transversais em educação: bases para uma formação integral**. São Paulo: Ática, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física, 1o e 2o ciclos**. Brasília: v. 7. 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Educação Física, 3o e 4o ciclos**. Brasília: v. 7.1998.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **Cristianismo: a religião do homem**. Bauru: EDUSC, 1993.

INTERNATIONAL FEDERATION OF ASSOCIATION FOOTBALL (FIFA) (2013). **Combate ao doping no futebol**. Disponível em :<<http://pt.fifa.com/aboutfifa/footballdevelopment/medical/antidoping/index.html>> . Acesso em 10 jun. 2018.

OLIVEIRA, Osmar. **História do doping – parte 1 (2012)**. Consultado em 17 de janeiro de 2013. Disponível em: <<http://drosmar.com/dopping/historia-do-dopping-parte-i/>> .

OLIVEIRA, Osmar. **Lista de atletas dopados – (1997 até 2013) (2012)**. Consultado em 17 de janeiro de 2013. Disponível em: <http://drosmar.com/dopping/lista-de-atletas-dopados-1997-ate-2010/>.

SILVA, Sandra Siqueira da. **A modernidade e a pós modernidade. Uma leitura de Michel Maffesoli e Anthony Giddens**. RBSE, 10 (29): 372-377, ISSN 1676-8965, Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>> .

TUBINO, Manoel Gomes. **O que é esporte**. São Paulo: Brasiliense, 1999.